

DORIS LESSING

Alfred e Emily

Tradução

Beth Vieira e Heloisa Jahn



Copyright © 2008 by Doris Lessing

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Alfred and Emily

Capa

warrakloureiro

Preparação

Leny Cordeiro

Revisão

Ana Maria Barbosa

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Lessing, Doris

Alfred e Emily / Doris Lessing ; tradução Beth Vieira e
Heloisa Jahn. — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

Título original: Alfred and Emily

ISBN 978-85-359-1678-2

1. Guerra Mundial, 1914-1918 — Aspectos psicológicos 2. Guerra
Mundial, 1914-1918 — Aspectos sociais 3. Ingleses — Zimbábue —
Biografia 4. Lessing, Doris, 1919 — Família — Biografia
5. Lessing, Doris, 1919 Família — Ficção 1. Título.

10-04819

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura inglesa

823

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

PRIMEIRA PARTE

Alfred e Emily: uma novela

1902

O sol dos longos verões do início do século passado só fazia prever paz e fartura, além de alegria e prosperidade. Ninguém se lembrava de nada remotamente parecido com aqueles dias de verão sempre ensolarados. Mil e uma memórias e romances atestam que foi assim mesmo, e é por isso que posso afirmar com segurança que naquela tarde de sábado em agosto de 1902, na vila de Longerfield, a tarde estava esplêndida. A ocasião era a comemoração anual dos bancos Allied Essex e Suffolk, e o lugar era um vasto relvado que o fazendeiro Redway, que usava aquilo como pasto, alugava anualmente ao vilarejo.

Havia vários focos de atividade. Numa das pontas do campo, berros e gritos animados anunciavam jogos infantis. Uma longa mesa sustentada por cavaletes e forrada com tudo quanto é tipo de comida se abrigava debaixo de alguns carvalhos. O grande centro das atenções era o jogo de críquete; em volta das figuras trajadas de branco se amontoava a maior parte do público. Toda essa cena estava prestes a ser absorvida pelas sombras lançadas pelos grandes olmos que dividiam esse campo do outro, onde as

vacas expulsas observavam tudo o que se passava movendo os maxilares evocativamente, como se estivessem fazendo fofoca. Os jogadores, com seus trajes brancos já um pouco empoeirados depois de jogar um dia inteiro, sabiam da importância daquele festival de verão, cientes de que todos os olhos estavam voltados para eles, inclusive os do grupo de cidadãos que se debruçavam sobre uma grade, decididos a não ficar de fora.

Não muito longe do campo de críquete, sentadas em almofadas sobre a grama, estavam uma senhora loira cujo rosto avermelhado denunciava sua aversão ao calor, um fiapo de menina, sua filha, e uma moça que acabara de se debruçar, de olhos grudados no rosto da sra. Lane, para escutar o que esta lhe dizia. “É uma coisa muito séria, minha querida, discutir com o pai da gente.”

Nesse exato momento, um rapaz avançava para se posicionar com seu taco ao lado das varetas verticais, e a mulher loira se inclinou para acenar para ele, coisa que ele retribuiu com um sorriso e uma inclinação de cabeça. Ele era extremamente bem-apessoado, moreno, músculos perfeitos; e ficou claro que havia algo de especial na sua postura quando de repente fez-se um silêncio. O arremessador mandou uma bola e o rebatedor rebateu sem nenhuma dificuldade.

“Psiu”, disse Mary Lane. “Só um minutinho, eu quero ver...”

Daisy, a menor, já estava se debruçando para ver, e Emily McVeagh, a outra, também olhou, se bem que não devia avistar grande coisa. Estava inundada de júbilo e determinação, e a todo momento olhava de viés para a mulher mais velha, na expectativa de obter sua atenção.

Outra bola veio em disparada rumo ao jovem bem-apessoado, outro rebate instantâneo e outra onda de aplausos.

“Muito bem”, disse a sra. Lane, pronta para aplaudir, mas o arremessador saía em disparada.

De novo... de novo... uma bola chegou perto de onde elas

estavam e os jogadores correram para pegá-la. Os turnos continuaram sendo disputados, houve vários aplausos dispersos e em seguida uma explosão de palmas, quando o rapaz rebateu uma bola que quase chegou ao lugar das brincadeiras das crianças.

Estava na hora do chá. A longa mesa de cavaletes foi assaltada enquanto uma senhora, ao lado de uma espécie de samovar, ia distribuindo xícaras de chá.

“Eu bem que gostaria de tomar um chá, Daisy”, disse a mãe, e a filha correu para entrar na fila.

Nisso a sra. Lane se lembrou de que Emily esperava muito mais dela, de modo que voltou suas atenções para a moça e disse: “Acho que você não sabe direito no que se meteu”.

Mary Lane era uma mulher de influência, com amigos bem posicionados, e tinha descoberto, através de uma dezena de fontes diversas, no que exatamente Emily McVeagh se metera.

A moça enfrentara o pai e lhe dissera que não, não iria para a faculdade. Queria ser enfermeira.

“Ela vai ser uma criada entre criadas”, pensara Mary Lane consigo mesma, chocada com a decisão da moça.

Conhecia John McVeagh, conhecia a família, acompanhara os dias triunfantes de Emily na escola com admiração tingida de pesar pelo fato de sua filha não ser tão inteligente quanto ela, nem ter tanta presença e brilho. As moças eram amigas e sempre provocavam espanto por serem tão diferentes. Uma era retraída, facilmente deixada para trás e pelo visto frágil, a outra sempre senhora de si e das circunstâncias, sempre primeira em tudo, líder na escola, levando todos os prêmios: Emily McVeagh, amiga e protetora da pequena Daisy.

“Eu sei que sou capaz”, disse Emily, com toda a calma.

“Mas por quê, por quê?” Era o que Mary Lane queria perguntar, e talvez perguntasse, se o rapaz que merecera todos aque-

les aplausos não tivesse se aproximado, fazendo-a inclinar-se para lhe dar um beijo e dizer: “Muito bem. Ah, muito bem”.

Havia uma pequena história ali.

Ele aceitou a xícara de chá que Daisy lhe ofereceu, bem como uma enorme fatia de bolo, depois sentou ao lado da amiga, a sra. Lane. Ela o conhecia desde que nascera.

Dois irmãos: o mais velho, Harry, era adorado pela mãe. Todos tinham conhecimento da insatisfação desta com o fato de que o marido, o pai do garoto, um bancário que detestava o emprego, passava todos os seus momentos livres tocando órgão na igreja. Isso em vez de, como estava claro no entendimento dela, tentar “progredir”. Ele não tinha ambição, mas o filho mais velho recebera uma proposta de emprego, o que era bem mais do que a maioria dos estudantes podia esperar ainda antes de concluir a escola. Além disso, o filho fora o aluno aplicado que passava facilmente nos exames e ganhava prêmios. Porém a mãe não gostava do segundo filho, Alfred, ou ao menos não se comportava como se gostasse.

Bater em criança, naquele tempo, significava tão somente uma intenção de ouvir os desejos de Deus. “Poupe a vara e estrague a criança.” Porém a sra. Lane, observadora, ficara chocada. Também ela era mulher de um bancário, um bancário graduado, só que o marido dela era um dos pilares da Igreja, sempre envolvido em atividades locais. O problema de Alfred com a mãe já era de conhecimento geral, assunto muito discutido, e o garoto recebia todo tipo de proteção e favores especiais de pessoas que tinham pena dele. Não tinha maior interesse pela escola, mas era ótimo nos esportes, sobretudo no críquete. Completara dezesseis anos uma ou duas semanas antes, ainda era jovem demais para jogar no time dos adultos. Mas estava ali, jogando, e caso Mary Lane tivesse tido um bocado de trabalho convencendo gente influente de que ele deveria ter uma chance de se destacar, quem

haveria de saber? A mãe de Alfred estava sentada entre os espectadores, e toda vez que alguém a cumprimentava pelo filho brilhante, ela parecia pouco à vontade, sentindo, obviamente, que era o outro filho quem deveria ser aplaudido, sempre.

Alfred estava tendo a chance de mostrar seu jogo, sua destreza, e a sra. Lane se sentia encantada consigo e com ele. Já dissera várias vezes que amava aquele menino como se ele fosse um filho, e bem que gostaria que fosse. Não gostava nem um pouco da mãe de Alfred, embora naquela comunidade, em que todos conheciam a todos, isso não fosse uma coisa que ela podia expressar com frequência.

“Alfred”, disse ela, abanando-se com o programa dos eventos do dia, “Alfred, você nos deixou a todos muito orgulhosos”.

Mas Alfred estava sendo chamado para o campo — e se afastou às pressas, com sorrisos para as três, para Daisy, que o adorava tanto quanto a mãe, e para a outra moça, a quem não fora apresentado.

No campo, com Alfred, acontecia uma pequena conferência, e enquanto observava o fato a sra. Lane voltou a concentrar suas atenções em Emily.

“É um trabalho muitíssimo mal pago, muito mesmo, você nem faz ideia”, disse a mulher mais velha. “Você vai fazer trabalho de criada, um horror, e as horas são longas. A comida também é ruim.” Havia outra objeção que ela não achava fácil de abordar. As moças aceitas como estagiárias vinham das camadas mais baixas, ela poderia ter dito, eram moças da classe operária. E você, Emily McVeagh, teve uma vida fácil, sempre teve o melhor de tudo, e vai achar as coisas muito duras, duríssimas mesmo.

Os rapazes começaram a jogar e o garoto bonito estava de volta na trave.

“Se eu entendesse por quê”, disse Mary Lane, confessando afinal o que pensava. “Se você pudesse me explicar por quê, Emi-

ly. Você sabe que poucos pais querem que as filhas façam faculdade. Seu pai deve estar tão decepcionado...”

Ela não gostava muito de John McVeagh, um sujeito pomposo, ela achava, cheio de si, mas ele tinha tanto orgulho de Emily, sempre elogiando a menina a qualquer momento do dia ou da noite, de forma que agora devia estar se sentindo...

“Ele me falou: ‘Nunca mais apareça na minha frente’”, disse Emily, voltando os olhos brilhantes de lágrimas para sua mentora. “Como eu gostaria que ela fosse minha mãe”, dissera em várias ocasiões. Aquela menina órfã de mãe, com uma madrastra indelicada, escolhera a sra. Lane para mãe, e esta naquele momento olhava para a garota com um ar de profunda decepção.

“Pense bem, Emily, pense muito bem.”

Porém Emily começaria na semana seguinte a trabalhar no nível mais raso dos trabalhos rasos do Royal Free Hospital da rua Gray’s Inn, em Londres. Já não poderia ficar em casa: fora formalmente expulsa.

“Nunca mais apareça na minha frente”, o pai lhe dissera. Repetir a frase lhe proporcionava certa satisfação, como se ao repeti-la estivesse atirando o pai, John McVeagh, para fora da própria boca, adeus.

“Ele disse que eu não devia mais me considerar filha dele”, falou, e as palavras saíram desordenadas, trágicas, enquanto as lágrimas começavam a rolar.

“Minha querida”, disse a sra. Lane, pondo o braço em volta de Emily e dando-lhe um beijo no rosto quente e molhado de lágrimas. “Não importa o que ele diga. Você é filha dele e nada nem ninguém poderá mudar isso.”

Do campo de críquete vieram mais aplausos. O rapaz bonito fora eliminado por uma bola rebatida e aparada pelo time contrário, mas claramente não saía desacreditado, pois se retirara para junto dos espectadores acompanhado de aplausos. Não ficou

surpreso ao ver que a mãe, que antes estava exatamente ali, vendo-o jogar, já se retirara.

Mary Lane, olhando por cima da cabeça de Emily, também viu que a senhora indelicada, a sra. Tayler, já se retirara.

Quando Alfred se aproximou da sra. Lane, ela soltou Emily para abraçá-lo, ou seja, estava tentando compensar a ausência da mãe dele.

“Você foi muito bem”, disse ela. “Muito bem mesmo, Alfred.”

Alfred hesitou, viu que a moça cujo nome não sabia estava chorando e foi sentar-se numa cadeira.

“Ai minha nossa”, disse a bondosa sra. Lane, abraçando Emily de novo. “Ai minha nossa, minha nossa, como eu gostaria de entender isso.”

Alfred acompanhava o jogo, mas não estava atento a ponto de não ouvir o que a moça cuja cabeça estava no ombro da sra. Lane dizia: “Eu sei que é a coisa certa para mim. Eu sei que é”. Alfred parecia querer sair dali, mas mudou de ideia e foi até o grande bule de chá pegar mais xícaras que entregou às três, com um açucareiro. Ao estender a xícara a Daisy, perguntou, bem baixinho: “Quem é ela?”. E Daisy respondeu: “É a Emily”, como se não precisasse dizer mais nada. “Uma amiga minha”, acrescentou.

Ah, quer dizer que essa é a Emily, pensou Alfred, porque é claro que sabia tudo a respeito de Emily, já ouvira tanta coisa. Como acontece com frequência, diante da realidade de uma pessoa real — no caso uma mocinha aos prantos e descabelada —, ele pensava que não era muito fácil entender, olhando para Emily, por que ela significava tanto para Daisy.

Estava prestes a sentar-se outra vez, os olhos já fixos no jogo, quando sua atenção foi atraída por um barulho na cerca. Os adultos tinham saído dali, mas agora havia crianças por lá. Mesmo de

onde estava, a alguns metros de distância, dava para ver que eram crianças pobres. As meninas usavam vestidos esfarrapados e não tinham sapato. Os meninos tentavam pular a cerca, de olho na mesa cheia de comida.

“Leve alguma coisa para eles, Daisy”, disse a mãe. “Leve os sanduíches. Eu é que trouxe”, acrescentou, porque a senhora atrás do enorme bule de chá já ia contradizê-la. As mulheres, vendo a situação, começaram a se aproximar da mesa, e Mary Lane gritou: “Só o que eu trouxe, nada mais”.

Alfred e Daisy passaram pratos com sanduíches e um par de bolos por cima da cerca e as crianças agarraram tudo. Estavam famintas.

As mulheres que haviam se aproximado estavam ali paradas de lábios franzidos.

“Só o que eu trouxe”, insistiu a sra. Lane, sorrindo, mas com raiva. Consigo mesma, disse baixinho: “Os benditos bolos delas não correm risco comigo”.

“Eles são ciganos”, disse uma das mulheres. “Eu não gostaria que meu melhor pão de ló fosse parar nas mãos deles.”

“Bom, até os ciganos têm de comer alguma coisa”, disse Mary Lane, agora vermelha de raiva.

“Eles são tão pobres”, disse Alfred, franzindo a testa e olhando para ela como quem pede uma explicação. “Pelo visto estão precisando de uma boa refeição.”

“Exato”, disse Daisy, sorrindo para o rapaz que conhecia desde sempre, o enfezado colegial que de repente virara herói.

Emily se despedia da sra. Lane e voltava a atar a fita preta que segurava seu cabelo para trás. Estava com dezoito anos, usava o cabelo “preso”, mas naquela tarde, na companhia de amigas tão antigas, o estilo escolar parecia apropriado.

“Tenho de ir”, disse. “Senão, perco o trem.”

“Eu vou com você”, disse Daisy na mesma hora..

Emily se ergueu, sorrindo e piscando para esconder as lágrimas. “O primeiro passo é o mais difícil”, confidenciou à sra. Lane, assumindo o comando de seu futuro, mantendo-o a salvo do rosto grave e silenciosamente reprovador da outra.

As duas moças foram até a cerca, Emily com sua sombra Daisy logo atrás.

Na cerca, procurou por um portão ou abertura — nada.

As crianças continuavam por lá, na esperança de conseguir mais comida.

Emily deu uma rápida olhada em torno, saltou a cerca e ficou parada, sorrindo vitoriosa para a sra. Lane e para a mulher que servia o chá, chocadíssima com aquele comportamento tão deselegante. Nenhum portão, de modo que Emily simplesmente ergueu Daisy e passou a moça por cima. “Um, dois, três”, e as duas já estavam a caminho da estação.

Alfred voltara a reunir-se ao grupo de jogadores.

Agora Mary Lane estava sentada em plena sombra, e o rosto avermelhado voltava ao tom natural.

“Tudo muito bem...”, disse ela, falando quem sabe com alguns pardais que atacavam os bolos. Pensou no magnífico salto da moça por sobre a cerca, a graça do ato, a facilidade, e, por algum motivo, disse não ao plano grosseiro e impensado de Emily. “Não. Não. Não pode ser. Que desperdício.”